

HENRIQUES, Fernanda; TOLDY, Teresa; RAMOS, Maria Carlos; DIAS, Maria Julieta (Org.^{ãs}), *Mulheres que ousaram ficar. Contributos para a teologia feminista*, Leça da Palmeira, Letras e Coisas, 2012, 191 pp.

As Organizadoras deste livro – com as suas formações académicas em Filosofia e em Teologia – são conhecidas como autoras de leituras críticas acerca das representações das mulheres, nomeadamente no âmbito da experiência religiosa. Estudiosas e atentas ao panorama internacional dos *estudos de género*, defendem, desde há muito, um enriquecimento das perspectivas, quer antropológicas, quer teológicas, para que o ser humano seja compreendido e respeitado *igualmente* nas suas realizações concretas, ou seja, nas vidas de homens e de mulheres *diferentes*. Assumindo a sua vivência de relação com a transcendência, pugnam especialmente pela libertação da Igreja Católica dos estereótipos que minorizam as mulheres e pela valorização do estatuto destas na Instituição.

Portanto, as Organizadoras do volume anunciam-se, nalguma medida a si mesmas, ainda que não exclusivamente, através do título principal: são, elas próprias, *mulheres que ousaram ficar*. Em 2011, foram protagonistas da criação da Associação Portuguesa de Teologias Feministas. No mesmo ano e como acto de lançamento da Associação (só posteriormente constituída em termos formais), organizaram o Primeiro Colóquio Internacional de Teologia Feminista, de que resultou, certamente entre outros frutos filosóficos e teológicos com maturação própria, o presente volume. Quase 25 anos depois do Colóquio “As mulheres na Igreja em Portugal”, promovido, em 1988, pelo Centro de Reflexão Cristã com o objectivo assumido de debater a situação das mulheres no interior do espaço eclesial português, trazem à luz este conjunto de estudos que, incentivados e reunidos por pessoas – nalguns casos as mesmas – preocupadas ainda em questionar essa situação, abrem a uma reflexão teológica feminista mais consistente, com mais matizes e reveladora de um propósito epistemologicamente mais exigente. No caminho, foram-se erguendo vários marcos, tornados visíveis através de uma série de publicações como, por

exemplo: o número especial dedicado a “Mulheres na Igreja: Que lugar? Que Missão?” com que abre, em 1995, a nova série do Boletim *Reflexão Cristã*; o livro, organizado por Manuela Silva e publicado em 2003, *Dizer Deus – Imagens e Linguagens: Os textos da fé na leitura das mulheres*; e o livro, de que foram coordenadoras Manuela Silva e Fernanda Henriques, publicado em 2006 com o título *Teologia e Género – Perspectivas, ruídos e novas construções*. Importam, talvez, estas alusões de enquadramento, como auxílio à merecida leitura de *Mulheres que ousaram ficar*.

Por reunir textos de vária índole e alcance, o livro permite beneficiar de abordagens que, comungando do mesmo interesse em desocultar a especificidade da vivência religiosa das mulheres, salvaguardando-a de uma longa história de distorções androcêntricas e suas implicações na tradição, oferecem, contudo, vias diversas para aprofundar o conhecimento do Cristianismo e para, graças aos contributos das teologias feministas, compreender o lugar que é justo reconhecer às mulheres nas comunidades cristãs. Por vezes, este aspecto converte-se até mais estritamente na questão do acesso das mulheres aos ministérios ordenados, como parece acontecer desde logo no «Prefácio» (pp. 5-15), em que Ana Vicente defende um “sacerdócio renovado”, tal como é sustentado pelo Movimento Internacional *Nós Somos Igreja* (cf. p.14).

Antes da breve «Introdução» (p. 21) das Organizadoras, o volume ainda inclui, como uma espécie de segundo prefácio, um texto muito interessante de Frei Bento Domingues, que, de certo modo, se faz porta-voz daquelas pessoas que não suportam “que as mulheres não contem na orientação da vida das comunidades cristãs e sejam reduzidas ao estado pré-cristão em que Jesus as encontrou” (p. 20). Com efeito, o texto, apesar do seu carácter esquemático, sublinha dados fundamentais, como estes: “As Igrejas cristãs foram confrontadas, desde o começo, com o estado de negação das mulheres na cultura judaica” (p. 17) e “a ruptura activa de Jesus com essa situação representa um dos traços essenciais da originalidade da sua intervenção histórica” (p. 18).

Do estudo de Isabel Allegro de Magalhães, intitulado «Escrituras e

Feminismos: seus Discursos e Representações» (pp. 23-40), para além do relevante excuro acerca da diversidade interpretativa e dos cuidados hermenêuticos a ter em toda a exegese, destaca-se uma avaliação do papel das teólogas-biblistas que deram um contributo decisivo para descobrir, nos textos da crítica histórico-bíblica tradicional, “sinais (fortes ou ténues) de uma presença feminina rasurada” (cf. pp. 25-26). O estudo que se lhe segue, de Marie-Theres Wacker, exemplifica cabalmente, a partir de diversas leituras do capítulo 11 do Livro de Oseias, o que a autora anterior destacara. O texto – que constitui o longo capítulo «Mulheres que ousaram reconstruir. O ícone do Pai-Deus misericordioso em Oseias, cap. 11» (pp. 41-72) – é revelador de um profundo conhecimento dos esforços exegéticos do Antigo Testamento, conhecimento que permite à autora ilustrar e discutir até algumas perspectivas da crítica feminista, tomando posição contra certos exageros antropomorfizantes em que por vezes essa crítica incorre. Contudo, a autora não deixa de nos alertar para a presença da *dinâmica de sexo-género* e de *estruturas de poder assimétricas* (p. 66) veiculadas, por exemplo, nas diferentes versões de Oseias 11, bem como para o facto de mesmo imagens bíblicas não antropomórficas também não serem *neutras do ponto de vista do género* (p. 69).

O estudo seguinte – assinado por Maria Julieta, RSCM, e com o título «Uma afirmação anacrónica verdadeira: Jesus era feminista» (pp. 73-85) –, embora aparentemente menos denso, não só toma o sugestivo tema do feminismo “avant la lettre” de Jesus, como é um convite a exercitar uma *reconstrução* e uma *restituição da beleza original* (p. 83) do papel das mulheres na Igreja. A autora faz uma abordagem rica da figura de Jesus enquanto interlocutor de mulheres, em diálogos abertos ou em situações em que elas parecem ser um pólo indispensável à missão universal reveladora do amor de Deus.

André Luis Barroso, por seu turno, apresenta um texto que, apesar de extenso (pp. 87-119), parece, mesmo assim, apenas parte de uma investigação historiográfica mais alargada (sobre as comunidades cristãs primitivas) cuja relevância se presente e, nalguma medida, é desafiada pela pergunta enunciada no final: “O desaparecimento das figuras femininas de lugar de destaque é um caminho “natural” do processo de hierarquização da Igreja?” (p. 116). Até chegar

a este remate, à primeira vista inconclusivo, o autor multiplica perguntas e referências, acerca do silenciamento do papel das mulheres no culto religioso, que remetem, ora para um processo insidioso mas subtil, ora para grosseiras tentativas de desautorizar os desempenhos das mulheres. Contudo, o texto, fazendo jus ao início do título «Do Protagonismo ao Desaparecimento...», não termina sem nos deixar um dado seguro, a saber: a correlação histórica entre *o silenciamento das vozes femininas e a invisibilidade a que foram submetidas as acções de mulheres fundantes do cristianismo primitivo*, por um lado, e, por outro, *a hierarquização da Igreja até ao Édito de Constantino*.

Fernanda Henriques e Teresa Toldy denunciam, no seu texto intitulado «A conceção inferior do feminino como “entidade transparente” na Filosofia e na Teologia» (pp. 121-164), a dupla via de exclusão das mulheres, tanto no plano filosófico de representação do ser humano, como no plano teológico de representação de Jesus Cristo. Recorrendo a múltiplos exemplos de diferentes épocas e âmbitos de pensamento, o estudo concorre para que se tome consciência de como certas interpretações do feminino têm sido repetidas e cristalizadas, ao longo da história, numa *matriz* de inferioridade das mulheres que opera como “*entidade transparente*” (p. 122) e de que tem resultado sempre a subordinação social das mulheres e a exclusão destas dos direitos de cidadania, mesmo após as expectativas abertas pela Modernidade (cf. p. 126 e ss.). As duas autoras sublinham, nomeadamente, como os textos do Magistério Católico que comparam a Igreja com a família acabam por reforçar, na estrutura eclesial, tal como na estrutura familiar, a exclusão das mulheres de todas as funções relacionadas com a autoridade (cf. p. 152 e ss.), assim contribuindo, afinal, para *prolongar a reprodução do constructo histórico da inferioridade das mulheres* (cf. p. 164).

Os dois últimos textos do livro têm, especificamente, um intuito de documentação: o primeiro deles, de Roser Besteiro, faz, sob o título «Una historia necesaria» (pp. 165-176), um balanço do percurso do CDE (Collectiu de Dones en l'Eglésia) nas suas actividades em defesa das mulheres e procurando construir, numa linha de Teologia Feminista, uma *Igreja nova onde o sexo não seja motivo de discriminação* (cf. p. 168); e o segundo, de Eva Michel, apresenta alguns

marcos históricos do acesso das mulheres na Alemanha aos estudos de Teologia e à sua ordenação como pastoras de igrejas protestantes (cf. pp. 179 e ss). O título principal deste derradeiro contributo, «E Sara riu-se: mulheres que ousaram a desconstrução» (pp. 177-190), lança mão do *riso* ou da *alegria* de Sara como símbolo de uma fé firme, como a de Abraão. Não deixa, contudo, de ser também uma imagem da denúncia que percorre todo o livro, que lhe dá unidade e que reforça o interesse de que ele seja lido com profundidade: o medo e o silenciamento perante a secundarização tradicional das mulheres não asseguram firmeza à fé, ao passo que a consciência crítica dos pressupostos teológicos permite a alegria de uma confiança plena no amor divino, que a ninguém segrega e de que essa fé brota.